

## Uma “Igreja em saída” a serviço da ciência: diálogo entre um projeto teológico-pastoral e o novo paradigma cultural e científico

“A Church that goes forth” at the service of science:  
dialogue between a theological-pastoral project  
and the new cultural and scientific paradigm

Una “Iglesia en salida” al servicio de la ciencia:  
diálogo entre un proyecto teológico-pastoral  
y el nuevo paradigma cultural y científico

Marcos Morais Bejarano<sup>1</sup>

### Resumo

“Igreja em saída” é uma expressão que se tornou conhecida através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, texto programático do pontificado do Papa Francisco e reassumido, em larga medida, pelo Papa Leão XIV. Tal expressão representa um projeto teológico-pastoral que tem como ponto de partida uma mística – a mística do encontro com Jesus Cristo – e uma práxis: a práxis de um renovado empenho evangelizador marcado pelo diálogo e pelo serviço. Como prioridade desse empenho podemos destacar as chamadas “periferias geográficas e existenciais”. Porém, essa prioridade não é exclusiva nem excludente. Ela inclui também o diálogo com outras instâncias da sociedade, como por exemplo, o mundo da produção do saber científico. Após a conclusão do pontificado do Papa Francisco, e no intuito de colaborar com o processo de síntese do seu legado para a Igreja, o presente artigo tem por

<sup>1</sup> Doutor em teologia sistemático-pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Professor do Departamento de Teologia da PUC-RIO. E-mail: [marcosbejarano@puc-rio.br](mailto:marcosbejarano@puc-rio.br). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0679919577539520>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8759-3675>.

objetivo evidenciar que entre a mística e a práxis deixadas pelo Papa Francisco, existe uma teologia. Uma teologia bastante consolidada, organizada como um sistema e extremamente atualizada em relação às atuais demandas do campo da produção do saber, sobretudo no que diz respeito ao chamado novo paradigma holístico. Tal fato transforma o projeto teológico-pastoral ora evidenciado em uma importante contribuição para a pesquisa que pretende colocar em diálogo fé e cultura, teologia e ciência, sempre a serviço do bem comum. Trata-se de uma contribuição dada pelo último pontífice que teve menos enfoque do que a verificada em outros campos, como por exemplo, o da renovação eclesial e o da inclusão social. Por isso a necessidade de maior aprofundamento da temática.

**Palavras-chave:** Papa Francisco. Igreja em saída. Novo paradigma. Fé e ciência. *Evangelii Gaudium*.

### **Abstract**

“A Church that goes forth” is an expression that gained prominence through the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, a programmatic text of Pope Francis’ pontificate and one that has been largely taken up again by Pope Leo XIV. The expression designates a theological-pastoral project grounded in a mystique—the mystique of the encounter with Jesus Christ—and in a praxis: the praxis of a renewed evangelizing commitment shaped by dialogue and service. A primary focus of this commitment is directed toward the so-called “geographical and existential peripheries.” This priority, however, is neither exclusive nor exclusionary, as it also encompasses dialogue with other sectors of society, including the sphere of scientific knowledge production. Following the conclusion of Pope Francis’ pontificate, and with the aim of contributing to a synthetic assessment of his ecclesial legacy, this article argues that between the mystique and praxis he articulated lies a coherent theological framework. This theology is well established, systematically organized, and highly responsive to contemporary demands within the field of knowledge production, particularly in relation to the so-called new holistic paradigm. In this sense, the theological-pastoral project examined here emerges as a significant contribution to research that seeks to foster dialogue between faith and culture, theology and science, always in service of the common good. This dimension of Francis’ pontificate has received comparatively less

scholarly attention than other aspects, such as ecclesial renewal and social inclusion, thereby indicating the need for further in-depth study.

**Keywords:** Pope Francis. Church that goes forth. New paradigm. Faith and science. *Evangelii Gaudium*.

### Resumen

“Iglesia en salida” es una expresión que se dio a conocer a través de la Exhortación Apostólica *Evangelii Gaudium*, texto programático del pontificado del papa Francisco y retomado, en gran medida, por el papa León XIV. Dicha expresión designa un proyecto teológico-pastoral que tiene como punto de partida una mística —la mística del encuentro con Jesucristo— y una praxis: la praxis de un renovado compromiso evangelizador caracterizado por el diálogo y el servicio. Como prioridad de este compromiso, pueden destacarse las denominadas “periferias geográficas y existenciales”. No obstante, esta prioridad no es ni exclusiva ni excluyente, ya que incluye también el diálogo con otras instancias de la sociedad, como, por ejemplo, el ámbito de la producción del conocimiento científico. Tras la conclusión del pontificado del papa Francisco, y con el propósito de colaborar en el proceso de síntesis de su legado para la Iglesia, el presente artículo tiene como objetivo poner de relieve que entre la mística y la praxis dejadas por el papa Francisco existe una teología: una teología ampliamente consolidada, organizada como un sistema y profundamente actualizada en relación con las demandas actuales del ámbito de la producción del conocimiento, especialmente en lo que se refiere al denominado nuevo paradigma holístico. Este hecho convierte el proyecto teológico-pastoral aquí analizado en una contribución relevante para la investigación que busca establecer un diálogo entre fe y cultura, teología y ciencia, siempre al servicio del bien común. Se trata de una aportación del último pontífice que ha recibido menor atención académica que otros ámbitos de su magisterio, como la renovación eclesial y la inclusión social, lo que justifica la necesidad de un mayor aprofundamiento de la temática.

**Palabras-clave:** Papa Francisco. Iglesia en salida. Nuevo paradigma. Fe y ciencia. *Evangelii Gaudium*.

## Introdução

O pontificado do Papa Francisco (2013-2025) marcou profundamente o panorama da Igreja Católica no primeiro quarto do século XXI. Teólogos e pastoralistas avaliam que o seu magistério e suas práticas representaram uma nova etapa na recepção do Concílio Vaticano II (1962-1965). O pontífice tinha um projeto pastoral bastante sistêmico, a ponto de afirmar categoricamente na sua carta programática, a Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho” - *Evangelii Gaudium* (EG), a intenção de estabelecer “uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”<sup>2</sup>.

No coração do seu projeto estava a motivação para uma “reforma da Igreja em saída missionária”<sup>3</sup>. “Igreja em saída” passou a ser o emblema do pontificado e, ao mesmo tempo, um verdadeiro nome para o projeto pastoral dele emanado. O objetivo de converter toda a Igreja em uma comunidade de discípulos-missionários esteve presente nas preocupações e nas práticas do pontífice.

O Papa Leão XIV, ao iniciar o seu ministério como bispo de Roma, dá sinais de agir em continuidade com o seu predecessor, não obstante, obviamente, as suas próprias características pessoais. Chama a atenção o fato de ele não ter se apressado a apresentar um novo programa, bem como a frequência com que vem citando a exortação programática de Francisco<sup>4</sup>. No primeiro consistório extraordinário do seu pontificado, sinodalidade e *Evangelii Gaudium* – dois temas da pauta do pontificado anterior – estiveram no centro das discussões<sup>5</sup>. No discurso que fez no referido consistório, o cardeal Victor Fernandez, prefeito do Dicastério para a Doutrina da fé, afirmou: “O Santo Padre

---

<sup>2</sup> EG 1.

<sup>3</sup> EG 17.

<sup>4</sup> Ao proferir, pela primeira vez, o famoso discurso natalino do Papa à cúria romana, Leão XIV disse: “inspirando-me precisamente em sua [do Papa Francisco] Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, gostaria de retomar dois aspectos fundamentais da vida da Igreja: a missão e a comunhão (...). *Evangelii Gaudium* encoraja-nos a progredir na transformação missionária da Igreja, que encontra a sua inesgotável força no mandato de Cristo Ressuscitado”. LEÃO XIV, PP., Discurso à Cúria Romana por ocasião da troca de votos natalinos.

<sup>5</sup> CERNUZIO, S.; FONSECA, T., Consistório: cardeais votam sinodalidade e missão como temas de reflexão.

Leão XIV propôs que revisitemos a *Evangelii Gaudium*. Fica, portanto, claro que não se trata de um texto que expirou com o pontificado anterior (...). A razão é a seguinte: não se trata de uma antiga opção pastoral que possa ser substituída por outra”<sup>6</sup>.

Assim, o projeto da “Igreja em saída” não se encontra ultrapassado pelo fato do falecimento do seu formulador. Ao contrário, hipotetizamos a possibilidade de que ele continue repercutindo, e agora de modo ainda mais intenso, tendo em vista ter amadurecido ao longo de mais de uma década de aprofundamento desde o seu lançamento, em 2013.

A “Igreja em saída” de Francisco é um convite para as comunidades eclesiais irem na direção daquelas realidades que ele chamava de “periferias geográficas e existenciais”<sup>7</sup>. Estas incluem a dor dos pobres, dos abandonados, dos que vivem na solidão e de todas as vítimas do atual sistema econômico e social. Porém, não há interlocutores excluídos do diálogo eclesial em vista da missão. Também os que estão na vanguarda da produção cultural, que obviamente não se encontram em situação de exclusão, são convidados ao encontro, a fim de que os seus saberes possam contribuir para a construção do bem comum.

Nosso objetivo com essa pesquisa, portanto, é verificar de que maneira o projeto pastoral inaugurado por Francisco favorece uma “Igreja em saída” em direção à ciência, este saber com o qual a comunidade cristã tem vivido, ao longo de sua história, experiências contraditórias de distanciamento e aproximação. Sabemos que a teologia, enquanto patrimônio da reflexão eclesial e ainda, saber fundamentado numa metodologia objetiva, é um dos caminhos privilegiados para o aprofundamento dessa aproximação.

A ciência moderna, como a própria expressão diz, é fruto da transformação cultural ocorrida nos séculos XVI e XVII que deu origem à chamada modernidade. Esta cultura, otimista com as possibilidades do ser humano em alcançar o progresso com suas próprias forças, viu na ciência um dos principais recursos para alcançar seus objetivos. Porém, um certo declínio nesse otimismo, verificado, sobretudo, a partir da

---

<sup>6</sup> VIDAL, J. M., Primeiro o coração, depois as regras: o retorno ao Querigma. O apelo do Cardeal Fernández no consistório.

<sup>7</sup> FRANCISCO, PP., Discurso inaugural da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

segunda metade do século XX, obrigou a ciência a repensar o seu método e suas finalidades. Tal revisão encontra-se largamente em curso.

A hipótese que levantamos é a de que o ensinamento do Papa Francisco pode colaborar para o diálogo atualizado da teologia com a ciência em sua atual fase de revisão epistemológica, tendo em vista a crise da modernidade.

A pesquisa segue o método teológico indutivo, popularmente conhecido como Ver-Julgar-Agir<sup>8</sup>. É o método que procura dialogar com a modernidade e a sua forma de fazer ciência. Na primeira etapa (Ver), parte-se não de abstrações ou teorias, mas das indagações surgidas da própria realidade e aquelas que são feitas à mesma. No tema em questão, partimos da constatação da crise da modernidade e o surgimento, a partir dela, de um novo paradigma científico. Vamos desenvolver essa etapa em dois momentos: no primeiro, debruçamo-nos sobre o fenômeno em si; no segundo, sobre os impactos que este causou na relação entre religião e cultura; teologia e ciência. Para leitores e leitoras familiarizados com o tema da cultura moderna, esta primeira parte pode parecer um tanto quanto destituída de novidade. Porém, o método empregado exige essa preparação.

Cumprida esta tarefa, estaremos em condições de partir para a próxima etapa (Julgar): demonstrar como a teologia que deu substrato ao magistério do Papa Francisco foi uma teologia alinhada com o novo paradigma científico surgido a partir das necessidades do tempo presente. A teologia, enquanto inteligência da fé (*intellectus fidei*), pode encontrar nos ensinamentos do Papa Francisco a realização das duas preocupações fundamentais do Concílio Vaticano II: a volta às fontes e a “sensibilidade para com a realidade”<sup>9</sup>.

Por fim, vamos explorar como esse alinhamento pode favorecer à teologia a dar uma contribuição real para o enfrentamento dos problemas atuais, promovendo, inclusive, a sua relevância (Agir).

---

<sup>8</sup> PASSOS, J. D., Método Teológico, p. 49.

<sup>9</sup> PASSOS, J. D., Método Teológico, p. 47.

## **1. A crise da modernidade e a emergência de um novo paradigma na ciência**

A modernidade é a cultura que foi fecundada na filosofia produzida na Europa, sobretudo a partir do século XVII, que se tornou cultura de massas por ocasião da Revolução Industrial (passagem do século XVIII para o século XIX) e que se universalizou na medida do avanço do fenômeno da globalização econômica.

Como marca principal dessa cultura podemos destacar a valorização da autonomia humana frente a outros poderes (sejam os da natureza, como também os sagrados). Essa autonomia é baseada na razão, elemento que caracterizaria a identidade antropológica mais profunda. Com isso, pela primeira vez em seu caminhar, a humanidade passa a compreender a história como uma construção feita por suas próprias mãos (historicidade), e não como algo que é fruto do capricho dos deuses ou das imposições da natureza.

Tal compreensão cultural e filosófica converte-se numa práxis que alimenta uma esperança. A práxis é a da transformação da natureza pela razão a fim de inaugurar uma nova era de progresso ilimitado. A esperança é a de que essa era pudesse vir a trazer a resolução de todas as contingências que marcam e limitam a existência humana.

### **1.1. A filosofia que embasa a modernidade**

Uma das bases para o desenvolvimento desse projeto foi a reflexão do filósofo René Descartes (1596-1650). Sua filosofia parte de uma visão dualista do ser humano, por meio da qual é a capacidade de pensar (a razão) que o caracteriza, sendo que “o corpo não passa de uma máquina”<sup>10</sup>. Com isso, estabelece-se uma dicotomia radical entre o sujeito pensante (“res cogitans”) e a realidade a ser pensada (“res extensa”). Nesta última, encontra-se não só o corpo humano, como também todo o mundo da natureza.

Com isso, instaura-se um segundo dualismo, que se dá entre o saber produzido pelo ser humano e a natureza. O sujeito pensante investiga o objeto de seu pensamento com vistas a dominá-lo e a colocá-lo a serviço do seu próprio bem-estar e desenvolvimento. O método para se alcançar tal objetivo é o da especialização do saber: divide-se a

---

<sup>10</sup> RUBIO, A. G., *Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, p. 101.

realidade em partes cada vez menores a fim de aprofundar o conhecimento sobre cada uma dessas mesmas partes.

Aos poucos, essa supremacia da razão objetiva, a serviço do progresso considerado de maneira otimista, vai fazendo com que ela se transforme em razão instrumental. Ela difere da razão que já era valorizada na filosofia clássica e medieval, pelo fato de que agora ela não está a serviço “apenas” do conhecimento da realidade, mas, sobretudo, da sua transformação e exploração. “Esse modelo de razão tornou-se o padrão da modernidade. Ele se constituiu como um modo de produzir e conceber a realidade”<sup>11</sup>.

A especialização se dá não apenas no âmbito interno da ciência, mas na própria organização da sociedade, que vai se construindo em torno da autonomia dos seus diversos campos sociais. Se a sociedade tradicional era caracterizada por uma certa unidade, frequentemente construída em torno da tradição religiosa, agora, a sociedade marcada pela modernidade “se manifesta principalmente na especialização dos diferentes domínios da atividade social. Nestas sociedades, o político e o religioso se separam; o aspecto econômico e o doméstico se dissociam; a arte, a ciência, a moral, a cultura constituem igualmente registros distintos”<sup>12</sup>.

Chama a atenção, de modo especial, a dicotomia estabelecida entre razão e ética. A primeira, vista como expressão de plena objetividade, é capaz de investigar a realidade e de emanar conceitos e definições precisos, desde que utilizado o método correto. A segunda, como fruto da especulação humana, é expressão da subjetividade em busca de normas morais para o convívio humano, a serem construídas a partir do consenso social. “Essa separação entre o conhecimento que se fundamenta na empiricidade do objeto e os valores (...) demarcou a história das ciências”<sup>13</sup>.

## 1.2. A crise do paradigma moderno

Esse dualismo entre plena objetividade (da razão e da ciência) e plena subjetividade (do universo humano dos afetos, da ética e da espiritualidade), que esteve na base inicial da modernidade, foi a semente

<sup>11</sup> GOMES, J. C. L., *Indivíduo, liberdade e modernidade política*, p. 547.

<sup>12</sup> LÉGER-HERVIEU, D., *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento*, p. 33.

<sup>13</sup> PASSOS, J.D., *Teologia e outros saberes*, p. 135.

da própria crise vivida por tal configuração sociocultural. Trata-se, há que se reconhecer, de uma crise sistêmica. O paradigma moderno “começou a dar mostras de esgotamento, à medida que gerou, como efeito colateral dos inegáveis avanços alcançados, a terrível crise socioambiental que foi se avolumando a partir do final do século XX”<sup>14</sup>.

A natureza, durante a era antropocêntrica da cultura moderna, foi vista como mera fonte de recursos para a satisfação das necessidades humanas. Uma fonte de recursos que, como se vai descobrindo dolorosamente, não é inesgotável. E o que é mais inquietante: ao mesmo tempo em que o desenvolvimento da tecnologia é movido, sobretudo, pelo interesse do poder político e econômico, persistem problemas que já poderiam ter sido solucionados, tais como a fome, a miséria, doenças facilmente evitáveis, tendo em vista que os recursos produzidos pela sociedade moderna não são distribuídos equitativamente entre os seres humanos.

Diante desse quadro, cresce o questionamento ao paradigma de produção e aplicação do saber vigente na modernidade. Não se trata, obviamente, de questionar o método científico em si, que, sem dúvida, trouxe inúmeros elementos positivos de progresso e de enfrentamento das mazelas humanas. Porém, descobre-se que, ao lado da busca da autonomia da humanidade, do progresso alcançado pela tecnociência, da especialização do saber e da autonomia dos diversos campos nos quais se encontra organizada a sociedade, há que se resgatar outros elementos que foram negligenciados e cujo esquecimento representam grave ameaça aos próprios objetivos do projeto moderno.

A razão instrumental desenvolvida na modernidade deu ao ser humano – e a alguns seres humanos, de modo específico – um enorme poder. Desenvolvida de maneira “neutra” em relação à ética, aos saberes ancestrais, à espiritualidade e aos outros saberes humanos, pode gerar o efeito contrário daquele que foi desejado pela modernidade. Em vez de produzir uma sociedade do progresso absoluto, pode simplesmente levar à autodestruição da espécie humana.

A perda de legitimidade das promessas que deram sustentação à sociedade moderna se torna tão aguda que ela vai promover, segundo

---

<sup>14</sup> BEJARANO, M., A epistemologia do Papa Francisco, p. 699.

Jean-François Lyotard, uma nova cultura: a cultura pós-moderna<sup>15</sup>. Nela, as grandes utopias do progresso e da verdade alcançáveis pela razão humana dão lugar à fragmentação e à individualização dos estilos de vida. Com isso, surge a necessidade de buscar novas formas de mobilizar as energias criativas e o empenho coletivo.

Portanto, a crise da modernidade precisa, necessariamente, transformar-se em autocrítica. A forma mais adequada de proceder a essa autocrítica é, justamente, estabelecer limites ao poder produzido pelo saber tecnocientífico, dando voz a outros saberes que, em diálogo, possam recuperar uma visão integrada do ser humano, para além da visão fragmentada gerada a partir da “crença de que um conhecimento isolado seria preferível a um saber do todo, pois que, como descrevera Descartes, o todo nada mais seria do que a soma de suas partes”<sup>16</sup>.

### 1.3. Um novo paradigma na produção do saber

É a partir do crescimento da consciência dessa crise que emerge um novo paradigma na produção do saber: o paradigma holístico. Este supera a perspectiva mecanicista da filosofia cartesiana por meio de uma visão sistêmica. A realidade não é uma máquina, mas um todo (daí o termo holístico, pois *holos*, em grego, significa “todo”), de tal forma que o todo é maior que a soma das partes. Como consequência, a valorização unilateral da especialização do saber e a pretensa objetividade absoluta da ciência empírica passam a ser fortemente questionadas.

O filósofo francês Edgar Morin é um dos pensadores que têm contribuído para o questionamento do paradigma sobre o qual foi construído o saber nos últimos séculos, denominado por ele de paradigma simplificador. Segundo ele, trata-se de uma compreensão que “vê o uno, ou o múltiplo, mas não consegue ver que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo”<sup>17</sup>. Assim, ele deve ser substituído pelo

---

<sup>15</sup> LYOTARD, J. F., A condição pós-moderna, p. 69. O termo “pós-modernidade”, introduzido por Lyotard para definir a realidade gerada pela crise da modernidade, sofre muitos questionamentos, tendo em vista que, para muitos autores, não se trataria de uma nova cultura, mas de uma nova fase da própria cultura moderna. Ainda assim, na falta de outra denominação conceitual, a referida nomenclatura nunca desapareceu dos debates acadêmicos.

<sup>16</sup> ROSENBALTT, A.; MARTINS, A., Mediação e Transdisciplinaridade, p. 140.

<sup>17</sup> MORIN, E., Introdução ao pensamento complexo, p. 59.

paradigma da complexidade, que dentre outras coisas, significa ter “o senso do caráter multidimensional de toda a realidade”<sup>18</sup>.

Portanto, a especialização do saber, sem ser abandonada, deve ser complementada por abordagens integrais do real. A mecânica quântica e a ecologia são saberes científicos que evidenciam a importância desse novo paradigma. Cresce, dessa forma, a valorização da interdisciplinaridade, isto é, do diálogo e da produção do conhecimento por meio da integração de diversas áreas da ciência, de modo a colocar “o foco no objeto real, dotado de complexidade, e não mais no objeto forjado por uma disciplina, reduzido, isolado laboratorialmente”<sup>19</sup>.

Além disso, a pretensa neutralidade do pesquisador é colocada fortemente em questão. O filósofo Hilton Japiassu chega a denominar “de *mito* a pretensão de neutralidade científica”<sup>20</sup>. Tal fato se dá não apenas pela descoberta de que o observador interage com o objeto observado, já que ambos estão interligados pelo sistema que é o cosmos, mas também em razão de todos os pressupostos que envolvem o fazer científico. Se o método da ciência pretende ser objetivo – e assim deve continuar a ser, na medida do possível, para que tal conhecimento continue produzindo bons resultados em favor da humanidade – o ser humano envolvido na produção do conhecimento não o é. Este produz ciência movido por valores que interferem em suas escolhas: tais valores podem estar tanto a serviço do bem comum quanto de interesses particulares (econômicos, políticos etc.).

Dessa forma, redescobre-se a importância do diálogo não somente entre as disciplinas científicas, mas também entre as ciências e outros saberes, especialmente aqueles que buscam um olhar integrado da realidade (ética, arte, espiritualidade...). O jurista argentino Luís Alberto Warat afirma que se trata de um “modo complexo, multifacetado, de pensar a experiência dos homens, recuperando o assombro ante o milagre duplo do conhecimento e do mistério, que é a soma detrás de toda filosofia, de toda ciência, de toda religião”<sup>21</sup>.

Respeitando a especificidade de cada saber, o diálogo entre conhecimentos diversos pode ser útil tanto para cada um deles em particular quanto para a humanidade como um todo. A ciência reforça o

<sup>18</sup> MORIN, E., Introdução ao pensamento complexo, p. 68.

<sup>19</sup> ROSENBALTT, A.; MARTINS, A., Mediação e Transdisciplinaridade, p. 141.

<sup>20</sup> PASSOS, J.D., Teologia e outros saberes, p. 137.

<sup>21</sup> WARAT, L. A., O ofício do mediador, p. 190.

seu papel de fornecer o conhecimento racional necessário, a fim de evitar toda a forma de manipulação dos saberes produzidos pelo mundo dos afetos e do simbólico. Já estes últimos podem ajudar a ciência a não se esquecer dos motivos pelos quais é produzida: promover a vida, quer dos seres humanos, quer do conjunto dos seres existentes na natureza, além de denunciar manipulações ideológicas e de poder.

Tal circularidade tem o potencial de colocar em prática algo que está entre as melhores contribuições dadas pela modernidade: a necessidade de mecanismos de limitação do exercício do poder, seja qual for, o que só pode ser garantido por uma estrutura altamente democrática, de pesos e contrapesos. O diálogo entre as disciplinas científicas e destas com os outros saberes humanos têm o potencial de criar uma verdadeira democracia do saber.

## **2. A religião e a modernidade: conflitos e oportunidades**

Sabe-se que a partir do advento da ciência moderna, produção do saber e experiência religiosa vão crescentemente se distinguindo, ao ponto de serem vistas como opositoras ou concorrentes em determinados círculos políticos e intelectuais. Tudo começa com o chamado “ateísmo metodológico”<sup>22</sup>, que não significava, necessariamente, a negação de Deus, mas a prescindibilidade da hipótese da existência de Deus para o fazer ciência. O importante era a observação empírica dos fenômenos e o descortinar dos mecanismos de funcionamento do Universo.

Porém, com o tempo, embates promovidos por ambas as partes vão gerar um distanciamento crescente, que vai além dessa primeira distinção epistemológica. Um dos auge desse distanciamento pode-se verificar na filosofia positivista de Auguste Comte (1798-1857), que via o desenvolvimento da humanidade em três estados sucessivos e progressivos, indo do estado teológico (religioso), passando pelo estado metafísico e desembocando no estado científico, que seria o mais avançado e substituto dos anteriores. Assim, chegando a esta última etapa do progresso humano, as etapas anteriores passariam a ser vistas como parte da infância intelectual da humanidade.

Tal fato vai gerar um certo ostracismo para aquele saber que é conhecido como a “ciência da fé”: a teologia. Esta, que surgiu junto com as universidades, à medida que a sociedade vai se transformando,

---

<sup>22</sup> PASSOS, J.D., Teologia e outros saberes, p. 135.

converte-se em “um conhecimento ultrapassado que resistia aos novos tempos, em nome não só de um tipo de racionalidade, como também de um regime político claramente antimoderno”<sup>23</sup>. Embora presente nas universidades confessionais e, em algumas poucas realidades, também no espaço público, vai ser vista crescentemente como saber de interesse exclusivamente intraeclesial.

Um início de virada nessa relação ocorre na passagem do século XIX para o século XX, quando, tanto no âmbito católico quanto no âmbito protestante, a teologia vai buscar atualizar o seu método e abrir-se ao diálogo com o universo de produção do saber marcado pela modernidade. Com o tempo, tal virada influencia a própria abertura das igrejas para uma reavaliação da sua relação com a modernidade, permitindo reconhecer nesta cultura não somente elementos negativos, mas também estruturas que possibilitam o diálogo com a realidade da fé. No universo católico, esse processo chega à maturidade com o Concílio Vaticano II (1962-1965).

A teologia em diálogo com a ciência moderna assume o seu método, ao mesmo tempo em que mantém o seu próprio estatuto epistemológico. Ao contrário do método dedutivo, próprio da escolástica, que partia sempre do dado revelado para desenvolver depois a etapa especulativa, o método indutivo da teologia moderna se deixa interpelar pela realidade, encontrando na reflexão sobre a Revelação respostas para as inquietações do ser humano contemporâneo.

Nesse sentido, podemos dizer que um bom caminho já foi feito no último século, no âmbito do diálogo fé-teologia e ciência, a ponto de constatarmos que a teologia assumiu a historicidade, tão própria do mundo moderno, como parte do seu próprio método. Uma celebração dessa aproximação podemos encontrar da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) do Concílio Vaticano II:

As recentes investigações e descobertas das ciências, da história e da filosofia, levantam novos problemas, que implicam consequências também para a vida e exigem dos teólogos novos estudos. Além disso, os teólogos são convidados a buscar constantemente, de acordo com os métodos e exigências próprios do conhecimento teológico, a forma mais adequada de

---

<sup>23</sup> PASSOS, J.D., Teologia e outros saberes, p. 43.

comunicar a doutrina aos homens do nosso tempo; porque uma coisa é o próprio depósito ou as verdades de fé, outra o modo pelo qual elas se enunciam, sempre, porém, com o mesmo sentido e significado. Na atividade pastoral, conheçam-se e apliquem-se suficientemente, não apenas os princípios teológicos, mas também os dados das ciências profanas (...).<sup>24</sup>

Assim, pode-se saudar a riqueza da produção teológica que emerge dessa compreensão, em diálogo com a ciência e, sobretudo, com o ser humano moderno, com suas necessidades e anseios. Contudo, como visto anteriormente, essa riqueza surge justamente no momento em que os próprios resultados produzidos pela ciência moderna são colocados em questão, não devido – repita-se – ao método, mas ao seu enquadramento em uma visão cientificista e reducionista.

Portanto, a teologia, ao mesmo tempo em que supera o atraso diante de séculos de produção científica nas diversas áreas do saber, a fim de qualificar-se como interlocutora credível, encontra-se diante de novo desafio: assimilar o paradigma sistêmico ou holístico, próprio da ciência feita a partir dos desafios da pós-modernidade, sob pena de, novamente, colocar-se à margem da produção do saber.

Porém, mais do que isso, o paradigma holístico representa uma oportunidade. Como se trata de uma compreensão marcada pelo diálogo, em vista da recuperação de uma visão global da realidade, a teologia pode se credenciar como legítima parceira nesse diálogo, já que ela é, por natureza, produtora de um saber focado antes no todo do que em cada uma das partes específicas que compõem o real, sabendo que, se ela faz alguma investigação parcial, é sempre em vista da visão global<sup>25</sup>.

Sem dúvida, estamos diante de uma tarefa a ser cumprida pelo conjunto da comunidade de teólogos e teólogas. Vale, porém, destacar aqueles e aquelas que vêm dando uma contribuição especial para esse labor. No âmbito católico, constatamos que uma das grandes contribuições contemporâneas nesse diálogo entre a fé e os desafios atuais na produção do saber foi dada pelo Papa Francisco. O projeto

---

<sup>24</sup> GS 62.

<sup>25</sup> “Se Deus é o objeto principal da teologia e se tudo tem alguma relação com Deus, então tudo é teologizável. Não há coisa sobre a qual não se possa fazer teologia.” BOFF, C., *Teoria do método teológico*, p. 46.

pastoral do seu pontificado foi marcado por uma teologia consistente, extremamente atualizada e que dialoga com a ciência contemporânea, sempre tendo em vista a solução dos graves problemas enfrentados pela humanidade.

Assim, sua proposta teológico-pastoral continua, mesmo após o seu falecimento, ponto de referência para os esforços do diálogo entre fé e cultura, sobretudo se consideramos a autoridade moral conquistada pelo pontífice. Tal autoridade brota não apenas da sua posição hierárquica na Igreja, mas também da ampla aceitação que a sua reflexão alcançou em muitos espaços, para além do âmbito meramente eclesial.

### **3. A emergência do novo paradigma no magistério do Papa Francisco**

Antes de tudo, é necessário pontuar que o projeto teológico-pastoral do Papa Francisco, em grande medida retomado pelo Papa Leão XIV, é um projeto de evangelização, fundamentado em uma profunda mística. Tal afirmação se faz necessária porque o senso comum atribuiu ao pontificado de Jorge Mario Bergoglio um caráter eminentemente social, em razão de sua prioridade em relação aos excluídos. Além disso, houve quem não o identificasse como um grande teólogo, em virtude de sua linguagem simples e do seu acento na prática pastoral. Trata-se, como veremos, de um ledor engano, uma vez que tais prioridades – sem dúvida, a dimensão mais visível de seu agir – estão profundamente alicerçadas em uma espiritualidade densa e em uma teologia consistente, bem como em uma lúcida leitura da realidade. Para manter fidelidade ao método indutivo, iniciaremos pela leitura da realidade, para, em seguida, apresentar a mística e a teologia do pontificado em análise.

#### **3.1. O projeto de evangelização “Igreja em Saída”**

Francisco estava consciente de que vivemos uma “mudança de época”<sup>26</sup>, expressão já consagrada desde o Documento da V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe (DAp), utilizada para comunicar o fato de que “não se trata de alterações em aspectos secundários, mas nas compreensões mais profundas a respeito da vida,

---

<sup>26</sup> DAp 44.

de Deus, do ser humano, da família e de toda a realidade”<sup>27</sup>. Essa mudança de época nos situa não apenas em uma modernidade que há muito já superou a sociedade tradicional, mas também, como visto anteriormente, em uma modernidade em crise.

O antigo Papa ressaltava, em seus textos, os aspectos da crise que mais o inquietavam: as ilusões provocadas pela economia de mercado que intensificam a desigualdade social; a ideologia que, na Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS)<sup>28</sup>, ele denominou de “paradigma tecnocrático”, isto é, a compreensão de que o desenvolvimento tecnológico, possibilitado pela ciência moderna, está a serviço não da ética e do bem comum, mas da concentração de poder e do domínio sobre a natureza e sobre os pobres; o crescimento do individualismo cultural, gerando o que ele chama de “globalização da indiferença”<sup>29</sup>; e o impacto desse individualismo sobre a fé, provocando não somente o enfraquecimento do sentido religioso na cultura, como também o risco da assimilação, pela própria igreja, de valores e práticas contrários ao Evangelho - o que ele denominou de “mundanismo espiritual”<sup>30</sup>.

Diante desse quadro desafiador para a evangelização, Francisco afirmava que não basta uma pastoral de conservação, isto é, uma ação eclesial que busque simplesmente preservar a fé já existente – tendo em vista o seu enfraquecimento – por meio de mera repetição de doutrinas e normas disciplinares. Aliás, ele era bastante crítico em relação a esse método, por meio do qual a Igreja se vê “obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir”<sup>31</sup>.

Assim, a sua proposta – herdada do Documento de Aparecida – é a de uma conversão pastoral em chave missionária, que deve partir do essencial, isto é, daquilo que constitui o núcleo fundamental da experiência cristã: o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo vivo. Não se pode dar por pressuposto que as pessoas já tenham feito essa experiência. Pode-se ter uma religiosidade cultural – ou até mesmo

---

<sup>27</sup> CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023 (DGAE), 43.

<sup>28</sup> LS 108

<sup>29</sup> EG 54

<sup>30</sup> EG 93.

<sup>31</sup> EG 35.

ter se afastado dela – sem que a experiência da “alegria do Evangelho”<sup>32</sup> não tenha sido vivida.

Aqui está o motivo pelo qual se pode afirmar, com confiança, que a base do projeto teológico-pastoral de Francisco é uma mística: a mística do encontro com o Ressuscitado. Trata-se, porém de uma mística fundamentada em uma cristologia integral, não dualista e que, portanto, envolve todos os aspectos do mistério cristão: encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição do Senhor, bem como sua ascensão, o envio do Espírito e esperança de sua vinda definitiva. O Cristo com o qual se deve encontrar é o Cristo dos Evangelhos, o mesmo que curou doentes, tocou enfermos, acolheu os pobres e chamou os ricos à conversão para compartilhar os seus dons e seus bens.

Portanto, é dessa base que brota a dimensão social da evangelização, pela qual o pontífice se tornou amplamente conhecido. O encontro com Cristo pode - e deve - dar-se na Eucaristia, no Evangelho meditado, mas também na carne dos pobres, com os quais o próprio Jesus se identifica no evangelho de Mateus (Mt 25, 31-46). Não por acaso, a misericórdia, cujas obras são apresentadas nesse texto, foi uma das referências do pontificado de Francisco. O Papa defendia que praticar a misericórdia - tocar a carne sofredora de Cristo nos pobres, significa transformar o mundo por meio da promoção da “revolução da ternura”<sup>33</sup>. Pode-se notar que o projeto elaborado por Francisco é um projeto de reforma da Igreja alicerçado na fé e fortemente orientado para a evangelização do mundo moderno. Daí percebe-se que se está falando de um pontificado profundamente afinado com a proposta do Concílio Vaticano II. Por isso, a relação que se propõe da Igreja com a sociedade não é uma relação de domínio, mas de serviço. Embora se tenha consciência de ser portador de uma boa notícia – o Evangelho de Cristo – a proposta dessa mensagem e o seu testemunho é oferecido por meio de um método dialogal, profundamente respeitoso com relação à dignidade humana e com a liberdade de consciência, até mesmo porque esses valores pertencem intrinsecamente ao conteúdo do Evangelho. É nesse ponto que surge a conexão do projeto de Francisco com o tema desta pesquisa. Ao lado do diálogo que se apresenta como o mais imediato, prioritário e evidente – o diálogo com o mundo dos pobres,

---

<sup>32</sup> EG 1.

<sup>33</sup> EG 88.

com as periferias e com as vítimas de uma sociedade em crise –, abre-se também a possibilidade de diálogo com aquelas instâncias que constituem o próprio núcleo de onde surgem as ideias que sustentam a cultura moderna: o mundo da ciência, da técnica e da produção do saber acadêmico. Como visto anteriormente, diante dos dilemas próprios da encruzilhada em que se encontra a nossa civilização, esse mesmo mundo passa, em grande medida, por um processo de reavaliação. Nesse contexto, a teologia de Francisco mostra-se aberta e atualizada o suficiente para favorecer a contribuição da fé cristã na abertura de novos caminhos.

### **3.2. As balizas epistemológicas do Papa Francisco**

Ressaltou-se, na subseção anterior, que a proposta mística do Papa está embasada em uma cristologia integral. Tal fundamento gera, naturalmente, uma antropologia teológica igualmente integral. O ser humano a ser transformado pelo encontro com Jesus Cristo é o ser humano em todas as suas dimensões e faculdades. Assim, consideram-se não apenas os elementos propriamente religiosos da vida humana, mas também as suas dimensões existencial e social. Citando o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, Francisco afirma que “Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens”<sup>34</sup>.

A teologia de Francisco é, portanto, em si mesma, uma teologia holística. Sem descartar a importância da salvação escatológica, trata-se de uma reflexão que correlaciona presente e futuro, céu e terra. A salvação final depende e se antecipa nas experiências salvíficas parciais: nos projetos de humanização, na vivência e na construção da paz, na defesa da dignidade humana. O ser humano, criado por Deus para a comunhão, é um ser de relações, e a relação com Deus se realiza à medida que a humanidade estabelece relações saudáveis entre si e com o mundo criado.

Como se pode intuir, abre-se para teologia, fecundo campo de diálogo sobre tudo aquilo que diz respeito à vida. Ambos os saberes – o religioso e o científico – podem colaborar, a partir de suas próprias raízes epistemológicas, a serviço do bem comum. O que se havia hipotetizado anteriormente confirma-se no magistério do pontífice: teologia e ciência

---

<sup>34</sup> EG 178.

podem servir como instâncias críticas uma da outra, desde que, evidentemente, cada qual respeite os seus próprios limites. Assim, a teologia, enquanto reflexão racional sobre a fé, pode apontar para a finalidade ética da ciência, que é a de promover a vida – vista pela religião como dom de Deus e responsabilidade humana –, evitando que o saber seja ideologicamente manipulado em favor dos detentores do poder. Por sua vez, a ciência pode prevenir a fé contra dualismos abstratos, que a transformam em uma ideologia alienadora, levando os crentes a abandonarem o trabalho por um mundo melhor enquanto esperam unicamente pela redenção escatológica.

Um campo onde essa sinergia pode ser testada é o da atual crise socioambiental. Sabe-se que foi graças à ciência que a humanidade passou a compreender, nas últimas décadas, o enorme desafio provocado pela emergência climática e a necessidade de uma verdadeira mudança de paradigma na sua relação com a natureza. Em paralelo, Francisco, a partir da consciência da dimensão social do *Querigma*<sup>35</sup>, convoca a Igreja e as religiões a se engajarem nessa tarefa, a partir de uma robusta teologia elaborada em diálogo com essa nova compreensão científica. Com isso, podemos agora aprofundar os fundamentos da teologia de Francisco que favorecem o diálogo com o paradigma holístico ou sistêmico.

#### **4. Aprofundando o diálogo entre teologia e ciência a partir do magistério do Papa Francisco**

Para identificar os fundamentos epistemológicos que favorecem o diálogo entre teologia e ciência a partir do Papa Francisco, recorre-se aos textos em que o pontífice realiza esse diálogo de forma concreta, como consequência do seu projeto evangelizador. Na *Evangelii Gaudium*, encontra-se quatro princípios filosóficos para a paz social. Em *Laudato Si'*, por sua vez, observa-se a própria visão sistêmica em ação,

---

<sup>35</sup> *Querigma* é palavra de origem grega que no contexto cristão é usada para denominar o primeiro anúncio da fé, o núcleo fundamental da mensagem cristã. Papa Francisco insistia que entre esse anúncio inicial e a dimensão social da evangelização existe uma relação intrínseca, já que o núcleo da mensagem cristã é o amor de Deus por cada pessoa considerada na sua integralidade, amor esse revelado por Jesus Cristo.

colocada a serviço da promoção da vida. Começemos por este último elemento<sup>36</sup>.

#### 4.1. Tudo está intimamente relacionado

Citamos acima o chamado “paradigma tecnocrático”, que é o uso da razão instrumental dissociado da ética, permitindo que a acumulação de poder por ela proporcionado esteja a serviço da otimização da produção de riquezas, sem considerar seus efeitos colaterais. Dentre suas maiores vítimas está a natureza, pois o paradigma tecnocrático nada mais é do que a filosofia cartesiana a serviço do sistema econômico: assim, a parcela da humanidade detentora da razão instrumental é vista como o sujeito, e a natureza, como o objeto a ser explorado, supondo “a mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta, o que leva a ‘espremê-lo’ até o limite e para além do mesmo”<sup>37</sup>.

Como antídoto para esse mal que adocece a Terra e ameaça a própria continuação da aventura humana, Francisco propõe um modo de vida que pode ser resumido no axioma “tudo está intimamente relacionado”<sup>38</sup>. Nesse axioma podemos ver, ao mesmo tempo, a nova ciência e a nova teologia elaborada em diálogo com ela. Tal pressuposto assume as aquisições das diversas áreas do saber que apontam para o fato de que a realidade não é uma máquina, como preconizava Descartes, mas um sistema, no qual o todo é maior do que a soma das partes. Assim, não se pode manipular cada parte do sistema como se fosse um elemento autônomo, sem levar em conta as consequências dessa manipulação para o conjunto. Como bem aponta Rafael Amo Usanos, o pontífice assume a compreensão do mundo como sendo composto por sistemas abertos e inter-relacionados, o que consiste em um paradigma científico e filosófico pós-mecanicista<sup>39</sup>.

A ecologia, por exemplo, nos ensina sobre a interdependência entre os ecossistemas e, dentro de cada um deles, das diversas espécies vivas entre si e com o ambiente que os abriga. Qualquer intervenção a ser feita,

---

<sup>36</sup> Apesar dos quatro princípios para a paz social serem, cronologicamente, anteriores ao princípio “ecológico”, preferimos começar por este último, tendo em vista que ele permite uma visão global e amadurecida do diálogo estabelecido entre a teologia do Papa Francisco e o paradigma holístico.

<sup>37</sup> EG 106.

<sup>38</sup> EG 137.

<sup>39</sup> USANOS, R. A., Fundamentos de ecologia integral, p. 7.

se não for cuidadosa e prudente, pode desorganizar todo o sistema-vida. Reforça-se a importância da construção de um saber multi-intertransdisciplinar, que tenha como centro o objeto de pesquisa em sua importância, e não a sua dissecação em vista da maximização das vantagens imediatas a serem obtidas sobre ele.

Tal compreensão, do ponto de vista social, abre caminho para uma abordagem sistêmica do enfrentamento dos problemas que afligem a humanidade. A crise climática não se enfrenta apenas com mais tecnologia ou com mudanças cosméticas no funcionamento da sociedade, mas exige uma transformação no modo como se compreende a relação do ser humano com a natureza e entre os próprios indivíduos que compõem a espécie. Não se trata, portanto, de uma crise ambiental isolada da crise social, mas de uma única crise socioambiental, fruto de uma abordagem antropocêntrica da realidade, que deve ser transformada em sua raiz a fim de garantir desenvolvimento sustentável com justiça social. Por isso, a proposta que brota desse diálogo é chamada “Ecologia Integral”<sup>40</sup>, pois envolve não só os aspectos ambientais, como também, as diversas dimensões da vida humana.

A teologia presente no magistério do Papa Francisco, ao mesmo tempo em que acolhe as contribuições do paradigma holístico, devolve essas contribuições para a ciência e para a humanidade enriquecidas com o aporte específico que a espiritualidade cristã pode oferecer. Ela afirma que o funcionamento do universo de modo complexo e interdependente não é fruto do acaso, mas da própria ação criadora divina, pois “o conjunto do universo, com as suas múltiplas relações, mostra melhor a riqueza inesgotável de Deus”<sup>41</sup>.

Assim, a diversidade de criaturas só ressalta a beleza do Criador. E o ser humano, sendo uma dessas criaturas, é ao mesmo tempo, aquela que possui uma missão especial: zelar pelo conjunto da criação, promovendo o desenvolvimento dos bens nela presentes. Não se trata de uma relação despótica, como tantas vezes fora apresentado. Trata-se de uma relação de responsabilidade diferenciada. O ser humano faz parte da criação e, portanto, o seu futuro depende dela. É chamado a viver em harmonia com o cosmos e a sua degradação representa uma das expressões mais eloquentes do pecado. Por outro lado, é o administrador

---

<sup>40</sup> LS 10.

<sup>41</sup> EG 86.

dessa mesma criação, o “lugar-tenente” de Deus, tendo como direito “tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas (...) também o dever de a proteger e garantir a continuidade de sua fertilidade para as gerações futuras”<sup>42</sup>.

Com isso, une-se eficazmente o anúncio do *Querigma* ao compromisso socioambiental. O Evangelho, ao mesmo tempo em que é o anúncio do amor de Deus à pessoa humana, é também o convite feito a esta para descobrir a grandeza desse amor na confiança que o Criador depositou em suas mãos. Cada ser humano é guardião da criação e promotor do seu desenvolvimento sustentável e integral.

Tal mensagem deve ser proclamada no respeito à dignidade pessoal, que faz do anúncio um convite e não uma imposição. Assim, a contribuição a ser dada pela teologia para os esforços da ciência na preservação do meio ambiente deve ser uma proposta, uma mão estendida ao diálogo, única atitude capaz de desarmar eventuais resistências ou temores quanto a uma possível colonização do universo científico pelo religioso. A aceitação do magistério e dos pronunciamentos do Papa Francisco para além dos ambientes eclesiais, demonstra o quanto essa abordagem teológica pode ser credível, eficaz e colaboradora para a construção de novos caminhos de esperança.

A abordagem holística permite, como visto anteriormente, promover, na práxis, uma visão sistêmica das crises social e ambiental; na religião, da relação entre mística e compromisso social; e, na ciência, da relação entre saber acadêmico e outros saberes. Por isso, a teologia que fundamenta a ecologia integral permite abordar outra preocupação do pontífice argentino: a construção da paz social. Um mundo interconectado só será capaz de enfrentar seus desafios se seus povos trabalharem juntos, no respeito à diversidade interna e externa. Por isso, vale à pena enfatizar a proposta do pontífice para a paz, tanto no interior de cada povo quanto entre os povos. Também aqui, será possível verificar que a abordagem de Francisco está em consonância com o paradigma holístico.

---

<sup>42</sup> LS 67.

## 4.2. Os quatro princípios para a paz social

Para o Papa, a paz é construção, fruto da constatação de que não existe um ser humano isolado, pois este sempre faz parte de um povo. É nesse contexto que a Igreja é vista como Povo de Deus a serviço de todos os povos da Terra. Para concretizar a contribuição que a Igreja pode dar para a construção da paz entre os povos, o Papa elabora quatro princípios fundamentais: o tempo é superior ao espaço; a unidade prevalece sobre o conflito; a realidade é mais importante do que a ideia; o todo é superior à parte<sup>43</sup>. Ao propor estes princípios, Francisco afirma: “faço-o na convicção de que a sua aplicação pode ser um verdadeiro caminho para a paz dentro de cada nação e no mundo inteiro”<sup>44</sup>.

São princípios marcados por tensões bipolares que não devem ser anuladas, mas ao contrário, mantidas numa harmonia dinâmica. Inspirado na reflexão de Romano Guardini – teólogo que “mais positivamente e duramente influenciou em plasmar a sua visão do Cristianismo”<sup>45</sup> - Francisco elabora esses princípios que não eliminam os elementos que compõem a síntese, – como na dialética hegeliana – mas que os mantêm numa relação criativa.

Como se pode conceber, tais princípios igualmente se coadunam com uma abordagem sistêmica, sobretudo quando se pensa o cosmos e a vida como a relação entre sistemas abertos, cujo equilíbrio, tênue e dinâmico, se estabelece justamente a partir de uma perspectiva relacional.

A seguir, analisa-se cada um desses princípios à luz do paradigma holístico, demonstrando como eles também contribuem para o avanço da teologia no diálogo com a ciência contemporânea.

### 4.2.1. O tempo é superior ao espaço

O tempo, na compreensão filosófica do pontífice, representa a tensão para a plenitude que está presente em toda a ação humana. Ao mesmo tempo em que experimentamos essa tensão, vivenciamos o limite que representa o espaço que ocupamos no presente. Assim, afirmar que o “tempo é superior ao espaço” significa que mais vale trabalhar a longo prazo abrindo processos do que ocupando espaços de poder.

<sup>43</sup> EG 176-187.

<sup>44</sup> EG 221.

<sup>45</sup> CODA, Piero, A Igreja é o Evangelho: nas fontes da teologia do Papa Francisco, p. 44-45.

As ações que configuram o “paradigma tecnocrático” são ações que visam justamente a conquista do espaço por meio da aceleração do tempo. Este torna-se instrumento de posse: otimizando-o, conquista-se cada vez mais o espaço cósmico, por meio da prioridade obsessiva dada à produtividade. A proposta do pontífice é de uma libertação do tempo, deixando que ele seja o que é: processo. Processo que é necessário para a afirmação da vida em todos as suas dimensões, não apenas a quantitativa, mas, sobretudo, a qualitativa, que supõe os saberes relacionais e de sentido, e não apenas os moldados pela tecnologia.

Com isso, supera-se a ideia de posse, própria do paradigma mecanicista e abre-se a possibilidade para uma compreensão de cuidado e de acompanhamento ativo dos processos, fruto do diálogo e da cooperação, uma compreensão mais adequada à constatação de que o mundo é complexo e que os inúmeros elementos que o formam estão interrelacionados.

#### **4.2.2. A unidade prevalece sobre o conflito**

Em um mundo no qual os diversos elementos que o compõem ocupam um espaço limitado, os conflitos tornam-se inevitáveis. Para isso, basta observar a realidade: há conflitos na natureza; há conflitos também nas relações humanas. Portanto, “o conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceito”<sup>46</sup>. Para superá-lo, é necessário integrar em uma unidade superior as partes em conflito, conservando suas potencialidades a serviço do bem comum.

Como se pode perceber, este princípio ajuda a superar a lógica moderna construída em torno da rígida distinção entre sujeito e objeto, onde o protagonismo do sujeito conduz, necessariamente, à submissão da outra parte que compõe a relação. Permite o funcionamento em rede, a sinergia, a colaboração entre diferentes visões e aptidões, coadunando bem mais com o paradigma holístico, que privilegia a cooperação em detrimento da competição.

#### **4.2.3. A realidade é mais importante do que a ideia**

O paradigma cartesiano de construção do saber, ao privilegiar a razão sobre a natureza, colocou a ideia acima da realidade. Assim, a realidade é colocada a serviço da razão e, no contexto da supremacia da

---

<sup>46</sup> EG 226.

razão instrumental, a serviço do poder que ela produz, não importa se com isso, o efeito colateral seja a submissão da vida à tecnocracia.

Reposicionando a realidade acima da ideia, restaura-se o equilíbrio entre ambos os pólos, equilíbrio este que coloca a razão a serviço da vida, e não o contrário. Este princípio permite valorizar a interdisciplinaridade, haja vista que o importante é conhecer o objeto e suas potencialidades, e não instrumentalizá-lo. Com isso, a razão se alarga ao perceber que a realidade é feita não só de *logos*, mas também de afeto, de sensibilidade e de mistério.

#### 4.2.4. O todo é superior à parte

Para a finalidade à qual se destina esta pesquisa, ou seja, vislumbrar a contribuição que o magistério do Papa Francisco oferece para o diálogo da teologia com a ciência feita sob o novo paradigma holístico, este é o princípio fundamental, aquele que recolhe as contribuições de todos os demais princípios. Tanto é assim que se tornou inevitável mencioná-lo já anteriormente, ainda que de maneira não aprofundada.

O paradigma mecanicista privilegiou a parte para conquistar o todo. Como vimos, vislumbrou o todo como uma engrenagem. Assim, conhecer a realidade, parte por parte, e colocá-la a serviço do projeto tecnocrático é o suficiente, ignorando os efeitos colaterais que a manipulação de uma parte, independentemente das suas múltiplas relações, acarreta para o todo.

O paradigma holístico é construído todo ele baseado neste princípio de que o todo é superior à parte. O cosmos - e a vida nele presente - é uma teia de relações interdependentes, de modo que só se deve mexer na parte levando em conta o todo. Justamente por ter assimilado este princípio e feito dele elemento do seu projeto, é que Francisco defendeu na *Laudato Si'* o princípio da precaução na execução de projetos econômicos com impactos socioambientais. Diante de possíveis ameaças que um empreendimento possa acarretar, mesmo que não se tenha comprovação absoluta delas, “seja o projeto que for deverá suspender-se ou modificar-se”<sup>47</sup> até que se tenha segurança quanto aos efeitos que venham a ser sentidos na vida dos povos e da biodiversidade.

---

<sup>47</sup> LS 186

Uma contribuição extremamente vigorosa oferecida pela teologia de Francisco é o de dar fundamentação teológica a essa visão. Sua compreensão parte, não apenas de uma leitura prática da realidade, mas da própria Revelação. Para ele, a realidade é uma teia complexa de relações que supera, e muito, a potencialidade de cada um dos seus elementos constitutivos porque o mundo foi criado por um Deus que é, em si mesmo, mistério de amor e de comunhão na diversidade. Assim, a teologia trinitária se junta à antropologia teológica para corroborar profundamente essa visão sistêmica no mundo, permitindo, dessa forma, que a fé cristã ofereça uma espiritualidade de cuidado com o cosmos e de cultivo da harmonia de suas múltiplas relações.

Sabemos que, desde que o paradigma holístico começou a se desenvolver na ciência, superando em certos setores acadêmicos o cientificismo que relegava a religião para o universo do obscuro e do obsoleto, muito se buscou nas religiosidades ancestrais, bem como na mística oriental, o caminho natural para o diálogo entre espiritualidade e ciência. O cristianismo permanecia associado ao racionalismo moderno, ao antropocentrismo e a uma visão funcional da natureza.

Francisco, ao denunciar as leituras equivocadas da tradição judaico-cristã que quiseram transformá-la numa espécie de justificação para o antropocentrismo desordenado, abre espaço para que a espiritualidade cristã – e sua teologia – também se tornem interlocutoras do paradigma sistêmico. Assim, todos aqueles teólogos e teólogas empenhados no diálogo com os desafios que emergem no debate epistemológico pós-moderno, podem encontrar no magistério do Papa Francisco uma boa referência e um bom ponto de partida.

### **Considerações finais**

Procurou-se demonstrar, no presente artigo, como o magistério do Papa Francisco, recentemente concluído, não se limitou a uma abordagem pastoral renovada, nem se esgotou em uma práxis sem fundamentação teórica. Ao contrário, sua ação esteve profundamente ancorada em uma mística e em uma teologia capazes de favorecer uma contribuição profunda do cristianismo não só para a práxis social, mas também para a produção do conhecimento em vista dos problemas urgentes de nosso tempo.

A teologia presente no magistério do Papa Francisco está profundamente em consonância com o novo paradigma científico

elaborado a partir da crise da modernidade, ao procurar desenvolver uma abordagem sistêmica e holística. Mais do que isso, o pontífice demonstra que uma leitura da Revelação em chave sistêmica permite aprofundar a própria compreensão dos conteúdos da fé, demonstrando sua relevância para o ser humano contemporâneo e seus dilemas.

Uma cristologia integral demonstra que o renovado ardor missionário fundamentado no encontro com Jesus Cristo vivo, antes de ser uma experiência alienadora, é uma proposta lúcida de síntese entre o empenho histórico e a esperança escatológica. Uma antropologia teológica igualmente integral vai defender que o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é um ser de relações, presente em um cosmos onde floresce uma teia de vida, mas com uma missão específica: cuidar dessa teia, na convicção de que ela é expressão da beleza do Criador. E para completar, a teologia trinitária vem em suporte, evidenciando como o mundo foi criado intencionalmente por Deus para ser essa rede complexa de relações de abertura e interdependência porque Ele mesmo é assim: Deus é amor e o é em si mesmo, na sua vida imanente, na eterna abertura das relações intratrinitárias.

Como consequência dessa rica compreensão, Francisco dá uma contribuição muito marcante para os esforços que a teologia vem empreendendo no sentido de estabelecer pontes de diálogo e de serviço, quer com a ciência nos seus esforços atuais, quer com a humanidade no enfrentamento dos seus muitos desafios. Mais do que isso: dá uma contribuição à própria epistemologia, à produção e à aplicação do saber, pois, como afirma Edgar Morin, um novo paradigma somente se consolidará a partir “do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas de novas reflexões que vão se acordar, se reunir”<sup>48</sup>. cremos ter demonstrado que a teologia subjacente ao magistério do Papa Francisco tenha potencial para ser uma dessas novas concepções ou visões.

Sendo assim, continua a se justificar o aprofundamento do magistério do Papa Francisco, mesmo após o término do seu pontificado, uma vez que as contribuições oriundas de sua rica teologia não se esgotaram. A nova etapa da ação evangelizadora inaugurada com a *Evangelii Gaudium* permanece em curso, e uma prova disso é o uso

---

<sup>48</sup> MORIN, E., Introdução ao pensamento complexo, p. 77.

frequente que o Papa Leão XIV faz do conteúdo dessa exortação apostólica programática nos pronunciamentos de seu pontificado inicial.

## Referências

BEJARANO, M. A Epistemologia do Papa Francisco: um novo caminho para o diálogo entre fé e ciência. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER: as religiões frente às crises mundiais contemporâneas: construindo esperanças, 37., 2025, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: SOTER, 2025. p. 697-703. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1I2H1YSwW9KosXgdirIjPliRd0oweoute/view>>. Acesso em: 30 dez. 2025.

BOFF, C. **Teoria do método científico**. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CERNUZIO, S.; FONSECA, T. Consistório: cardeais votam sinodalidade e missão como temas de reflexão. **Vatican News**, Vaticano, 07 jan. 2026. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2026-01/consistorio-trabalhos-primeiro-dia-sala-de-imprensa-7-1-25.html>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

CODA, P. **A Igreja é o Evangelho**: nas fontes da teologia do Papa Francisco. Coleção: A Teologia do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. Coleção: Documentos da CNBB n. 109. Edições CNBB: Brasília, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (DAp). Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: CONCÍLIO VATICANO II.

**Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965).** São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, PP. **Discurso inaugural na XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos (2 a 27 de outubro de 2024).** Vaticano, 02 out. 2024. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/october/documents/20241002-sinodo-vescovi.html>>. Acesso em: 02 jan. 2026.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum.** Edições CNBB: Brasília, 2015.

GOMES, J. C. L. Indivíduo, liberdade e modernidade política. In: GUIMARÃES, Dom João Giovanni Mol et al. (org.). **O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do papa Francisco.** São Paulo: Paulus, 2022. p. 537-558.

LEÃO XIV, PP. **Discurso à Cúria Romana por ocasião da troca de votos natalinos.** Vaticano, 22 dez. 2025. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/december/documents/20251222-curia-romana.html>>. Acesso em: 26 dez. 2025.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna.** 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, J. D.. **Teologia e outros saberes: uma introdução ao pensamento teológico.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PASSOS, J. D. **Método Teológico**. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco).

ROSENBALTT, A.; MARTINS, A. Mediação e Transdisciplinaridade. In: ALMEIDA, T.; PELAJO, S.; JONATHAN, E. (Orgs.). **Mediação de conflitos**: para iniciantes, praticantes e docentes. Salvador: Editora Juspodivm, 3ª ed., 2021.

RUBIO, A. G. **Unidade na Pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulinas, 2001.

USANOS, R. A. Fundamentos de Ecología Integral. **Estudios eclesiásticos**, Madrid, v. 94, n. 368, p. 5-37, mar. 2019.

VIDAL, J. M. Primeiro o coração, depois as regras: o retorno ao Querigma. O apelo do cardeal Fernández no consistório. **IHU**, São Leopoldo, 12 jan. 2026. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/661864-o-cardeal-fernandez-apela-no-consistorio-para-um-retorno-ao-querigma-primeiro-o-coracao-depois-as-regras>>. Acesso em: 12 jan. 2026.